



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## PÃO E CIRCO - TRADIÇÃO E MODERNIDADE EM **SANGUE DA AVÓ,** **MANCHANDO A ALCATIFA,** DE MIA COUTO

João Olinto TRINDADE Junior PG (UERJ)

[joaotjr@hotmail.com](mailto:joaotjr@hotmail.com)

Flavio GARCÍA (UERJ/ UNISUAM)

[flavgarc@gmail.com](mailto:flavgarc@gmail.com)

O presente trabalho busca refletir sobre as relações entre civilização e modernidade em **Sangue da Avó, Manchando a Alcatifa**, do escritor moçambicano Mia Couto, focalizando a questão da corrupção social no período do pós-guerra, em que o povo, no campo ou nas cidades, precisa aprender a conviver com as novas instituições sociais. A leitura dessa narrativa privilegiará a manifestação do insólito ficcional em sua relação dual modernidade/tradição, em que a primeira, resultante da guerra colonial, traz os ares da mudança sem conseguir esconder a necessidade da construção de um presente mais humano, apontando a segunda, a tradição, como esperança para a subversão dos valores da sociedade após o longo e doloroso processo de independência. Mia Couto propõe, assim, um resgate ao passado como reação contra-hegemônica e libertária, ficcionalizando a transição do passado para o presente em uma sociedade que ainda precisa se reinventar para manter seus elementos mais significativos. Desse modo, o autor reage e denuncia os males de uma modernidade ocidental “enlatada” que não respeita as complexidades culturais da identidade híbrida e mosaica de Moçambique, tomado aqui como metonímia de todo o continente africano.

Palavras-chave: Insólito – Tradição – Modernidade – Narrativa

Siga-se o provérbio: dá-se o braço e logo querem a mão. Afinal, quem tudo perde, tudo quer. Contarei o episódio, evitando juntar o inútil ao desagradável. Veremos, no final sem contas, que o último a melhorar é aquele que ri. (COUTO, 2003, p. 25)

O conto/crônica ficcional **Sangue da Avó, Manchando a Alcatifa**, do escritor moçambicano Mia Couto, ao tratar da importância da relação entre as possibilidades da modernidade – a real e a idealizada – fornece-nos uma leitura sobre a sociedade



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

moçambicana contemporânea e o que ela poderia ter sido. Escrito como parte de uma série em que o escritor colaborou com a imprensa de Moçambique durante os dois últimos anos da década de 80, é uma dentre outras histórias que procuram contar/recriar a sociedade moçambicana no período do pós-guerra, demonstrando a relação maravilhosa entre o narrar e o criar já que, na cultura banto, o mensageiro muitas vezes é o criador, por que a palavra cria. Tendo em vista o processo criativo do escritor, o presente trabalho busca abordar como ele propõe a necessidade da construção de uma sociedade moçambicana nos moldes de uma modernidade não meramente ocidental, mas africana. Mia Couto procura respeitar não apenas as culturas “da terra”, como as várias que se tornaram dela. O próprio autor ao se definir como um ser entre margens demonstra a multiculturalidade de sua existência: Moçambicano, branco e que escreve sobre uma cultura ágrafa utilizando a língua que trazida pelo colonizador.

Escritor de extensa produção ficcional, tendo publicado poemas, crônicas, contos e romances, no conto em questão Mia Couto nos leva à Maputo – antiga cidade de Lourenço Marques -, capital moçambicana, cidade onde se desenrola a trama onde a avó Carolina, protagonista trazida do interior onde “mantinha magras sobrevivências(...) em terra mais freqüentada por balas que por chuva(...) Trazida por razões de guerra”(COUTO, 2003, p. 25). Avó Carolina se choca com a mudança de ambientes, a diferença entre o campo e a cidade e, principalmente, os luxos da família em contraste com a pobreza da cidade, incoerentes com sua idéia do que deveria ter se tornado a sociedade.

Em um tempo localizado entre o pós-guerra e a guerra civil moçambicana – na qual os principais partidos políticos envolvidos, Frelimo e Renamo, lutam pelo controle do país - a avó é trazida de um ambiente diferente, realizando um trajeto contrário de outras obras miacoutianas: ao invés da personagem aculturalizada por deixar sua terra e ir “para fora”, temos o caminho inverso, da mais velha que sai do interior-aldeia, território de lógica animista, para a cidade, realista e de mentalidade européia.

A relação – e o choque – entre a tradição – a avó – e a modernidade – a vida na cidade - é uma marca presente e recorrente em sua obra, já que procura resgatar um saber ancestral em uma nova realidade, readaptando e reinterpretando o ouvido. São esses



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

mitos e ritos, saberes ancestrais responsáveis pela construção da identidade desses povos, repassados de geração para geração, que o autor busca passar em sua escrita. A moderna cidade aos moldes europeus em terras africanas por sua própria natureza é um território híbrido onde o improvável se mistura ao cotidiano.

Avó Carolina, orgulhosa divulgadora dos feitos dos filhos citadinos em prol da independência da pátria, a principio se encontra orgulhosa das riquezas dos filhos como melhoria da vida do povo, não tardando a questionar essas vaidades e não distribuição de tais riquezas entre todos. Já diz a anciã, “Esse abastecimento não é tão de mais?”(COUTO, 2003, p. 26), sendo imediatamente refutada, “Cala, vovó. Vai lá ver televisão”(COUTO, 2003, p. 26). O que acaba acontecendo:

Sentavam a avó frente ao aparelho e ela ficava prisioneira das luzes. Apoiada numa velha bengala, despertava e luscofuscava seus pequenos olhos pela sala. E ali a deixavam. Mais noite, ela despertava e luscofuscava seus pequenos olhos pela sala.(Couto, 2003, p. 26)

Segundo Hall, a identidade cultural na pós-modernidade, desprovida de seu elemento unificador, está em constante transição. Tendo o velho sido descaracterizado de seu valor e utilidade, a sociedade o relega a função do lugar nenhum, desprovido de sua utilidade fundamental como participante do processo de unificação de um grupo social. É a ausência desses elementos unificadores – ou a exposição de sua não existência – o principal responsável por essas mudanças sociais nas quais o indivíduo perde seus referenciais. Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos, possuindo o que Edward Said chama de geografias imaginárias”( HALL, apud SAID, 2006: 71-72): suas paisagens características, seu senso de “lugar”, bem como suas localizações no tempo .

Entretanto, essas identidades, ao longo do jogo de representação na modernidade – e na narrativa miacoutiana -, passam pelo seu foco de transição. Transições essas que passam pelo conceito do “desrespeito”. Segundo Bhabha,

De que modo chegam a ser formuladas estratégia de representação ou aquisição de poder no interior das pretensões concorrentes de comunidades em que, apesar de histórias comuns de privação e discriminação, o intercambio de valores, significados e prioridades pode nem sempre ser



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

colaborativo e dialógico, podendo ser profundamente antagônico, conflituoso e até incomensurável?(BHABHA, 2007, p. 20)

Em um período na pós-modernidade onde o velho, elemento tradicional de uma cultura autóctone com a dupla função de transmissão do saber e manutenção da sociedade, ligação com a ancestralidade, elo entre o ontem e o hoje, os ancestrais e os mais novos, Mia Couto denuncia a descaracterização desse ancião, esquecido e desprestigiado. Não por menos, em “A Varanda do Frangipani”(COUTO, 2007), os velhos são abandonados em um asilo, esquecidos, sem contato com a sociedade, isolados em um forte cheio de minas cujo acesso só é possível de helicóptero, descaracterizados de sua função. Assim como os velhos esquecidos no forte, avó Carolina só serve para ficar assistindo Televisão, sem opinar na vida moderna. Em uma modernidade antropocêntrica e individualista, a perda do conceito de sociedade – ironicamente em detrimento da celebração de uma “aldeia global” – afeta diretamente, através da representação da avó, tanto os mais velhos quanto a própria continuidade das sociedades tradicionais. Não por menos, tema recorrente em suas obras: Em “Um Rio chamado tempo”(COUTO, 2005), Avô Dito Mariano corre o risco de ser enterrado pelos filhos que não querem saber se ele está morto ou tecnicamente morto.

Em Sangue de Avó, manchando a Alcatifa, avó Carolina encara o gritante processo de redefinição cultural, a mudança entre sua realidade – tradicional, campestre – e a de seus filhos e netos – modernizada, citadina – e as divergências que encontra entre o antes e o depois, a perturbação entre suas noções de velho e novo, continuidade e descontinuidade.

Ao ser trazida para a cidade para escapar da guerra que se prolongava nos interiores do país, a anciã se depara não apenas com uma nova Moçambique, mas uma nova realidade. Assim como a crise de identidade afeta a modernidade, a mesma crise afeta seu mundo do interior e as relações entre homem/comunidade que ali encontra.

O dualismo inerente a obra do autor vai se manifestando pelos dois lados da moeda conhecida como modernidade: a imposição cultural do neocolonialismo em detrimento do desprendimento dos valores tradicionais. O culto ao consumo - representado pelo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

excesso de compras e a maneira de se vestir de sua família – representa esse choque, tomando parte do processo de conscientização da mais-velha.

O conceito de estranho como condição colonial e pós-colonial defendido por Homi Bhabha toma seu lugar ao ecoar na ficção miacoutiana, denunciando uma ficção que trata da negociação dos poderes da diferença cultural em lugares historicamente híbridos. É a reação que o narrador manifesta, através da personagem da avó, ao perceber que seu mundo fora reduzido a uma poltrona na sala de estar, ao medida em que sua função, de contadora de histórias, é reduzida para a que não precisa ser ouvida.

Por sinal, em uma inversão dos valores autóctones, não por menos a velha encontra sua adversária por excelência: A Televisão. Inimiga moderna que se propõe a tomar seu lugar não apenas como contadora de histórias, mas também mantenedora das novas tradições, essa vil adversária, tal qual os antigos griots, reúne, brilhando como uma fogueira, os membros da família/comunidade, os quais, com os olhos bem abertos, sequer piscam. Não passa despercebida a comparação da TV com uma fogueira moderna:

“Estavam todos em redor da fogueira. O velho contava a história, sem levantar os olhos das labaredas. Os outros escutavam, em silêncio, entreolhando-se de vez em quando com expressão amargurada. O velho falava sem uma pausa, num tom monótono.(PADILHA apud ALTUNA, 1995, p. 97)

Mais noite, ela despertava e luscofuscava seus pequenos olhos pela sala. Filhos e netos se fechavam numa roda, assistindo vídeo. Quase lhe vinha um sentimento doce, a memória da fogueira arredondando os corações. E lhe subia uma vontade de contar estórias. Mas ninguém lhe escutava.(COUTO, 2003, p. 26)

O estranhamento frente a uma modernidade “enlatada” provoca na personagem de avó Carolina um sentimento insólito frente ao que sua terra deveria ser e o que acabou se tornando: a medida que transita pela cidade “toda embelezada”, as desigualdades sociais dão prosseguimento ao processo de conscientização das transformações ocorridas no pós-guerra e sobre a questão de a independência ter dado certo para todos ou para uma pequena minoria. O autor não apenas segue uma tendência de outros escritores africanos contemporâneos ao denunciar que os cânticos de glória pela independência são



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

acompanhados pelos diversos pobres largados pela rua, como o fato de que a sociedade ali presente não é a mesma pela qual tantos lutaram.

Em sua construção – e posicionamento – referente ao reconhecimento de um mosaico cultural para a formação de uma sociedade ao jeito dos africanos, Mia Couto segue ora criticando as incoerências da independência, ora também apontando para a necessidade de uma redescoberta para um mundo melhor.

Tendo em vista o processo criativo do escritor, ele busca abordar como não se pode pretender criar uma cultura para mostrar ao mundo, cultura essa de forte influência europeizante, mas sim respeitar não apenas as culturas “da terra”, como as várias que se tornaram dela. O próprio autor ao se definir como um ser entre margens demonstra a multiculturalidade de sua existência: Moçambicano, branco e que escreve sobre uma cultura ágrafa em uma língua que vem de fora, a do colonizador.

Ao expor que a modernidade também pode ser compreendida como uma pós-colonialidade, Homi Bhabha enfatiza as relações neocoloniais como ferramenta de manutenção da nova ordem mundial, sendo assim um novo capítulo das relações entre explorador e explorado, centro e periferia. Nas palavras do velho Sulplício, pai do tradutor de Tizangara, “Antigamente, queríamos ser civilizados. Agora queremos ser modernos”(COUTO,2005, p. 19). O tradicionalismo é sacrificado em prol da modernidade, sendo resgatado, no máximo, como exemplo de uma “pureza cultural perdida ou absolutismo étnico”( HALL, 2000, p. 89).

Maria Afonso afirma que “as personagens criadas por Mia Couto(...) parecem na sua enorme simplicidade seres extraordinários que deambulam nos limites da vida, num espaço onde o sonho se confunde com a realidade”(AFONSO, 2004, p. 374). Em um período no pós-guerra onde valores são abandonados em prol de outros considerados “modernos”, a adequação para uma modernidade aos moldes do povo da terra – com relações com a terra – precisa ser resgatada, buscada dentre os que detém o conhecimento como a tradição e, ao transmiti-la, ligar ancestralidade e modernidade. O escritor já afirma que

Entre o convite ao esquecimento da Europa e o sonho de ser americano a saída só pode ser vista como um passo para a frente. Os intelectuais



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

africanos não têm que se envergonhar da sua apetência para a mestiçagem. Eles não necessitam de corresponder à imagem que os mitos europeus fizeram deles. Não carecem de artifícios nem de fetiches para serem africanos. Eles são africanos assim mesmo como são, urbanos de alma mista e mesclada, porque África tem direito pleno à modernidade, tem direito a assumir as mestiçagens que ela própria iniciou e que a tornam mais diversa e, por isso, mais rica (COUTO *apud* FONSECA E CURY, 2008, p. 14-15).

A Avó, no conto, age como uma metáfora dos valores da terra que são descaracterizados, da ancestralidade esquecida e do risco da sociedade descontinuada. Em um mundo que é estranho aos seus olhos – ironicamente na obra miacoutiana, onde dessa vez os olhos do outro são justamente os olhos do nativo – ao decidir retornar para seu lugar de origem, recebe roupas de presente, cedendo temporariamente a tentação do consumo, apenas para descobrir, pouco depois, o chão de vidro que se tornara o “milagre moçambicano”:

Não chegou de atravessar. Logo no passeio, ela viu os meninos esfarrapados, a miséria mendigando. Quantas mãos se lhe estenderam, acreditando que ela fosse proprietária de fundos bolsos? A Avó sentou na esquina, tirou os óculos, esfregou os olhos. Chorava? Ou seriam apenas lágrimas faciais, por causa das indevidas lentes?(COUTO, 2003, p. 27)

O texto aponta as relações entre a modernidade que, embora traga ares de mudança sem conseguir esconder a necessidade da construção de um presente mais humano, e a segunda, a tradição, como esperança para a subversão dos valores da sociedade após o longo e doloroso processo de independência. Os benefícios da modernidade são, assim, como pão e circo para o povo, servindo para apenas entretê-lo frente às verdadeiras dificuldades da nação, modernidade que cresce de maneira desigual guiando para uma ocidentalização tardia de novos mercados. Mía Couto propõe, assim, um resgate ao passado como reação contra-hegemônica e libertária, ficcionalizando a transição do passado para o presente em uma sociedade que ainda precisa se reinventar para manter seus elementos mais significativos. Dessa forma, Avó Carolina se despe das roupas que ganha – numa representação da negação da cultura que lhe é imposta – e veste as consagradas capulanas. Numa leitura de Stuart Hall, a incapacidade de referências com o mundo exterior leva o indivíduo a procurar dentro de si não uma ancestralidade mítica, mas sua própria identidade. Se esse fato passa despercebido pelos parentes da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

anciã, tem enorme representação para ela, pois representa sua resistência contra a imposição cultural moderna.

O papel do velho, da tradição e de sua manutenção através da figura da avó é constantemente invocado no texto pelos questionamentos acerca da descontinuidade dos ensinamentos, das relações sociais. Tal como o griot que precisa contar uma história e ensinar, Carolina precisa ensinar aos mais novos os males da civilização, tal como Ndzima(COUTO, 2004, p. 125), anciã de outro conto miacoutiano que faz o papel de conselheira, advertindo o neto para a cidade grande. Esse ancião, em uma escrita pós-moderna, tem a necessidade de ser resgatado e atualizado para ter seu valor reconhecido e sua palavra não questionada. Agindo como figura de autoridade que lhe é por direito no universo cultural africano, ela ataca a figura que, na trama, o narrador melhor caracteriza como representação daquela modernidade imposta:

Nessa noite, a televisão transmitia uma reportagem sobre a guerra. Mostravam-se os bandidos armados, suas medonhas ações. De súbito, sem que ninguém pudesse evitar a velha atirou a sua pesada bengala de encontro ao aparelho de televisão. O écran se estilhaçou, os vidros tintilaram na alcatifa. Os bandos se desligaram, ficou um fumo rectangular(COUTO, 2003, p. 27).

Essa senhora, em sua função, explicita a dificuldade nos dias atuais de encontrar quem a escute: ao longo da narrativa, filha, genro e miúdos pouca – ou nenhuma – atenção lhe dão, não respondendo suas perguntas e mandando-a se calar e ir ver televisão. Escutar denota tempo para ouvir, atributo caro à modernidade. O ato de narrar/rememorar vai se definindo, perdendo suas funções frente a um grupo. Não por menos,

Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia. Mas o leitor de um romance é solitário. Mais solitário que qualquer outro leitor, pois mesmo quem lê um poema está disposto a declamá-lo em voz alta para um ouvinte ocasional.(BENJAMIN, 1985, p. 213)

Como em um jogo, a leitura de um romance como atividade solitária denunciada por Walter Benjamin é associada ao assistir televisão, atividade impessoal onde quem assiste recebe a informação como via de mão única, onde se sentar ao redor do aparelho não é o mesmo que se sentar ao redor da fogueira para contar histórias, atividade



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

ancestral onde a história contada é uma via de muitas vias, contada, recontada, ressignificada e revivida pelo mais-velho e seus ouvintes.

Agindo para eliminar o que, em sua concepção, era o responsável pela situação no país – a televisão como representação da entrada do mercado ocidental sem o devido respeito pela cultura local – não tarda a acusar o genro de que os bandidos circulavam em sua própria casa, em uma denúncia do escritor de que os culpados pelo desenrolar da sociedade moçambicana são os da própria casa. É justamente a mantenedora da antiga ordem social que percebe e age, recolhendo os cacos do objeto destruído, fazendo com que sangue pingue no tapete.

O teórico português Filipe Furtado afirma que só o fantástico confere sempre uma extrema duplicidade à ocorrência insólita, de que, em sua essência, reside na capacidade de expressar o sobrenatural de forma convincente. O animismo inerente aquela realidade é resgatado quando, na impossibilidade de lavar do chão as gotas de sangue da avó que caíram no tapete após a destruição da TV, a família tenta uma última opção:

No entanto, ainda hoje uma mancha vermelha persiste na alcatifa. Tentaram lavar: conseguiram. Tentaram tirar os tapetes: impossível. A mancha colara-se ao soalho com tal sofreguidão que só mesmo arrancando o chão. Chamaram o parecer do feiticeiro. O homem consultou o lugar, recolheu sombras. Enfim, se pronunciou. Disse que aquele sangue não terminava, crescia com os tempos, transitando de gota para rio, de rio para oceano. Aquela mancha não podia, afinal, resultar de pessoa única. Era sangue da terra, soberano e irrevogável como a própria vida. (COUTO, 2003, p. 28)

A mancha atinge além da alcatifa, atinge o assoalho, numa representação da terra manchada pelo sangue necessário para atingir a independência. Assim como a avó retorna para sua terra num ato de voltar-se para dentro para resgatar sua identidade cultural, sua família pede a ajuda de um feiticeiro, símbolo da cultura tradicional, representando o não-desprendimento total deles aos valores da terra.

O escritor, assim, ficcionaliza a importância do resgate desses valores para a compreensão das múltiplas faces do que chama de sua cultura e a formação de uma nova. Elemento esse que como estratégia contra-hegemônica frente a uma tentativa globalizante e unificadora para o surgimento de um padrão de cultura, civilização e modernidade, (precisa) se afirma como força de resistência e preservação dos mesmos,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

mas aos seus moldes. Essa resistência manifesta-se através das diversas vozes presentes no texto: a do narrador heterodiegético que conta a história, a da avó que questiona os luxos da família e seu desgarramento dos antigos saberes, os pobres que sofrem o ponto negativo da modernidade. Também há outras vozes implícitas – tradição e modernidade – em tensão. É nesse espaço que se forma o que propõem Homi Bhabha, espaços

de outro modo que não a modernidade. Tais culturas de contra-modernidade pós-colonial podem ser contingentes à modernidade, descontinuas ou em desacordo com ela, resistentes a suas opressivas tecnologias assimilacionistas; porém, elas também põem em campo o hibridismo cultural de suas condições fronteiriças para “traduzir”, e portanto reinscrever, o imaginário social tanto da metrópole como da modernidade.( BHABHA, 2007, p. 26)

É o que retoma a avó ao se voltar para dentro de si e seus familiares que descobrem que não ignoram totalmente os antigos valores. A importação – via globalização/ocidentalização – das culturas modernas, as quais na pós-modernidade já encontram seu terreno de dúvida e incerteza, nas novas nações modernas encontram um igual espaço de identidades em tentativa de homogeneização, de forma que, segundo Hall, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise”(HALL, 2006, p.9).

Na atualidade encontramos teóricos como o professor Flavio García que, ao trabalhar a questão do insólito ficcional, compreendem que ele é a manifestação contrária ao *soer*, que é comum acontecer. O Insólito – o *insoer* – tendo como ponto o olhar do outro no conto, não apenas se manifesta ao mostrar a mancha de sangue que atravessa o tapete e fica marcada no assoalho sem poder ser removida, como também desloca esse lugar do olhar do outro para a avó, que confronta o *soer* de sua sociedade tradicional/realidade da terra com a insolidéz da sociedade moçambicana moderna que contradiz não apenas seus valores mas os sonhos pelos quais tanto sangue fora derramado. O “voltar-se para dentro” passa a representar não um desgarramento da modernidade, associando-a como oposto da tradição, mas sim da busca – e formação – de uma modernidade aos moldes de uma outra tradição, não européia, mas da terra, que respeita seus valores – e, por consequência, seu povo e suas necessidades – e a alma urbana, mista e mesclada desse povo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AFONSO, MARIA FERNANDA. **O Conto Moçambicano: escritas pós-coloniais**. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

BENJAMIN, Walter. "**O Narrador- Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**". In: *Obras Escolhidas: Magia, Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BHABHA, Homi K.(2003). **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG.1998

COUTO, Mia. **A Varanda do Frangipani**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **Cronicando**. Lisboa: Caminho, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Último vôo do Flamingo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra**. São Paulo, Companhia das Letras, 2005

FONSECA, M.N. S. et CURY, M.Z.F. **Mia Couto: espaços ficcionais**. Belo horizonte: autêntica, 2008.

FURTADO, F. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Horizonte, 1980.

GARCÍA, Flavio. **A construção do Insólito Ficcional e sua leitura literária: procedimentos instrucionais da narrativa**. Anais do I Congresso de Linguagens e Representações: Linguagens e Leituras. Ilhéus – Bahia: UESC, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11a ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

PADILHA, Laura C. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. 1ª ed. Niterói: EdUFF, 1995.